



VISTA D'OBIDOS.

VILLA DE OBIDOS.

É OBIDOS uma das villas da Estremadura portugueza. Fica doze leguas ao norte de Lisboa; sete ao poente de Santarem; uma ao sul das Caldas da Rainha; tres ao nascente de Peniche.

Affirma o auctor da Corographia Portugueza que fôra fundada pelos turdulos e pelos celtas 308 annos antes de J. C. Antiquario haverá, nunca farto de
Vol. V. Agosto 21. — 1841.

annos e de seculos, que não duvide attribuir a sua primeira existencia a alguma aventura do joven Abidis, neto de elrei Gorgoris; e que pertenda que traz delle, com pequena alteração, o nome que tem. O alvitreiro desta etymologia correria a mesma sorte do que imaginou ser formada esta palavra dos tres monossyllabos latinos *ob-d-os*; alludindo á garganta, ou foz d'um braço de mar, que dizem se approximava a ella em outras eras: etymologia que o

P.^o Bluteau chama pueril em seu dictionario. Mas que montam argumentos de antiguidade, sendo tão grande a mingua de noticias? Que importa saber que fóra fundação de turdulos e de celtas, se ignorámos o que por aqui fez o braço desta gente? Algumas pedras ainda por ahí existirão revolvidas por elles; mas estão confundidas como as ossadas dos finados nas sepulturas. Que é a chronologia sem a historia, como esta sem aquella! Que nos interessa a simples noticia d'uma existencia? Para os respeitos bastam-lhe as caás de 7 seculos.

Sabe qualquer que tenha lançado alguma vez os olhos para os nossos annaes, ou que se tenha entretido alguns momentos com as estancias do nosso primeiro epico, que D. Affonso Henriques a libertou do jugo dos arabes em 1148; e que sitiada em 1246 por D. Affonso 3.^o, então conde de Bolonha, permanecêra fiel a D. Sancho 2.^o Nesta epocha foi de parceria na fidelidade com a cidade de Coimbra, e com a villa de Celorico; e ganhou por este facto o titulo de *sempre-leal*, de que ainda se serve nos documentos publicos. O Sr. D. Diniz alargou-a, e mandou levantar o respeitavel castello que ainda existe, se bem que deteriorado. Tem por armas *uma rede de pescador*, que lhe deu a Sr.^a D. Leonor, mulher do Sr. D. João 2.^o, em memoria daquella em que uns pescadores lhe appresentaram seu filho, o principe D. Affonso, que morrêra em Santarem precipitado d'um cavallo abaixo.

Está situada na encosta d'um monte, assaz elevado da parte do norte; e forma como um amphitheatro virado para o nascente. É toda cercada de muros, que se conservam sem ruinas consideraveis, e que teem, em alguns pontos, doze varas d'altura. — «Eis-aqui [disse o Sr. D. João 5.^o passando por ella para Caldas] eis-aqui um villão com uma cinta de ouro.» — Descrevem seus muros um triangulo isosceles; e é por isso que se lembraram de a comparar a um ferro de engomar: fórma-lhe o bico, virado para o sul, um torreão, chamado a *torre vedra*: tem na base que olha para o norte um cubello, e o castello formado de varios torreões, sendo um delles de tão admiravel prumo, que á vista offerece em seu cunhal, com ser de consideravel altura, a exacta perpendicular. São quatro as suas portas: a *da Villa*, que fica para o sul, e que é a principal e mais frequentada; a *do Valle* para o nascente; as *da Cerca* e *Talhada* para o poente: tem mais um postigo para este lado, e outro para a parte opposta. Dividem-na cinco ruas principaes, que se podem considerar como outras tantas estancias do amphitheatro, correndo todas de sul a norte; e são as seguintes: a *do jogo da bola*, a *de cima*, a *direita*, a *de baixo*, a *do caminho*. Tem um chafariz na praça, e dois fóra dos muros, que recebem a agua do aqueducto: ha outro, tambem extra-muros, chamado *da bica*, cujas armas inculcam bastante antiguidade: ha finalmente o *dos cavallos* ao pé do sitio denominado *a corredeira*. Appresenta, para o nascente, uma vista agradavel de collinas com pomares, e alguns restos de matto; para o sul uma extensão de legua com bastantes aldeas sobre a sua superficie; para o poente a Varzea da Rainha, campina cultivada, de mais de meia legua, por onde vão tres rios que desaguam na lagoa; para o norte um horisonte de mais de tres leguas. Seu terreno é fertil em todo o genero de cereaes, e muito proprio para fructas; já lavrou mais vinho. Seu ar é muito salubre: notam-lhe os estranhos uma especie de falta de amenidade pela constancia dos ventos. Offerece grandes vantagens á vida, pelo regalo do peixe de sua lagoa [sendo conhecida a estima

que se faz de seu marisco até na capital], pela profusão e delicadeza de suas fructas; pela proximidade de dois portos de mar; e pela visinhança do mercado da villa das Caldas.

Ha nesta villa quatro freguezias, que eram outras tantas collegiadas: a de *St.^a Maria* [matriz], de *S. Pedro*, de *Santiago*, e de *S. João Baptista*. Tem a primeira, com alguns logares adjacentes, segundo o recenseamento mandado fazer em 1826, 173 fogos; a segunda 132; a terceira 126; a ultima 224 (*). Ha tres ermidas dentro da villa: a de *S. Vicente*, onde existe a freguezia de *S. João Baptista*; a de *N. S.^a do Monserrate*, pertencente á Ordem Terceira; a de *S. Martinho*, carneiro dos Lafetas, cuja architectura inculca antiguidade: ha quatro fóra desta: a de *N. S.^a do Carmo*, onde antigamente existia a freguezia de *S. João Baptista*, sobre a varzea da Rainha; a de *St.^o Antão* em um monte ao norte; a de *S. Bento* em outro ao nascente; a de *St.^a Iria* ao pé d'um campo onde annualmente se faz uma feira a 20 d'Outubro.

É assento d'um vigario geral [um dos tres do patriarchado] que o é tambem das treze villas dos contos d'Alcobaça, e das villas de Caldas, de Cadaval, d'Atouguia da Balêa, e de Peniche.

Tem uma casa de misericordia, que se rege pelo compromisso da de Lisboa, e que possui fundos consideraveis. Os enfermos que se admittem no hospital acham alli todos os soccorros necessarios. Acode a mesma santa casa com algumas diarias a pessoas desvalidas; e dispense quantia avultada com o pagamento das receitas dos pobres que não entram no hospital, e com esmolas de requerimentos, e de porta. Deus fade bem este estabelecimento, unico esteio da pobreza da villa!

Era dote das senhoras rainhas de Portugal; tinha assento em côrtes no sexto banco; e ainda é titulo dos grandes de seu nome. Era um conselho com sessenta e tantas vintenas pertencente á corregedoria de Alemquer, e provedoria de Leiria, com o juiz de fóra, de orfãos, de vallas, de coutadas, e de direitos reaes. Hoje é um simples municipio pertencente á administração geral de Leiria.

Diremos agora o que é digno de attenção fóra da villa. Merece-a o aqueducto: tem meia legua de extensão, e foi mandado levantar pela Sr. D. Catharina, cedendo-lhe o povo um baldio, hoje cultivado, e chamado por semelhante contracto Varzea da Rainha, de que cobrava terços e foros.

Passada a ponte que está no arrabalde da villa, encontra-se, junto á estrada que vai para as Caldas, a igreja do Senhor da Pedra. É um templo moderno e sumptuoso, de fórma hexagona, pena é que ficasse incompleto. Lançou-se-lhe a primeira pedra a 21 de Dezembro de 1740. Fez-se a funcção da trasladação do Senhor em 29 d'Abril de 1747, benzeno a dita igreja o arcebispo de Lacedemonia, D. José Dantas Barbosa, vigario geral do patriarchado de Lisboa. Importou esta obra em duzentos mil cruzados, concorrendo para ella com avultados donativos o Sr. D. João 5.^o, que alli veio mais d'uma vez. Teve fundos consideraveis formados de esmolas dos povos; e ainda hoje conserva dois capellães, e um thesoureiro. Faz-se alli uma festa apparatusa a 3 de Maio, dia da Invenção da Santa Cruz, a que concorrem os povos das visinhanças; e ha nesse dia um pequeno mercado no arraial. Ainda alli vem um cirio da villa do Cartaxo a 10 d'Agosto; unico de varios que n'outro tempo concorriam.

A menos d'um quarto de legua está a quinta das janellas, pertencente a D. José d'Alarcão, filho de

(*) Desmembrou-se-lhe um dos logares adjacentes.

D. José d'Alarcão e da condeza de S. Vicente. Cumprir fazer memoria della por causa das aguas thermaes que alli ha da mesma natureza da das Caldas. São frequentadas pelos habitantes da villa, pela gente visinha, e por algumas pessoas de longe que se alojam na quinta; mas as suas pequenas casas de banho e de abafos estão em muito mau estado. Morreu nesta quinta d'uma colica, a 21 de Julho de 1742, o infante D. Francisco, irmão d'elrei D. João 5.^o A pequena distancia desta está a quinta das Flores, onde rebenta outra origem de igual natureza. Proximo á villa ha outra menos copiosa a que chamam o *olho d'agua*: nasce na margem do rio, e confunde-se logo com as aguas delle.

A um pequeno quarto de legua existe o convento de S. Miguel das Gaciras, que pertencia aos frades arrabidos, com uma cerca notavel pelo seu arvoredor. Era um dos logares de divertimento e passeio para as pessoas que iam tomar banhos ou agua ás Caldas; hoje está fechado.

A distancia de uma legua está a lagôa. Tem este lago pouco menos d'uma legua de comprimento, e hade ter meia de largura. Estende 2 braços, um para nascente chamado da Barrosa, e outro para o sul, chamado do Bom-successo, ou de Atouguia. Comunica com o oceano por uma garganta, ou foz, que todos os annos é preciso desembaraçar das arêas que se ajuntam, e que impedem a circulação das aguas, a fim de evitar os damnos que se seguem desta estagnação. Esta diligencia torna-se desnecessaria quando as grossas enchentes na lagôa, ou as tempestades no mar, removem aquelle impedimento. A abertura da lagôa era ordenada e presidida pela camara da villa. Está cercada de montes, excepto nos sitios por onde lhe entram os rios e por onde vasa para o mar. É abundantissima de peixe em todo o tempo, e ajunta muita caça no inverno.

Tem Obidos a gloria de ter sido berço de Josefa d'Ayala, insigne pintora, cuja vida se póde ver no *Theatro das Heroínas Portuguezas*. Ainda por alli existem admiraveis obras suas: rara era a casa, não ha muitos annos, que não possuísse algum quadro de seu pincel: os que adornavam a sacristia do convento de N.^a S.^a do Piedade, de carmelitas descalços em Cascaes, eram da mesma Josefa d'Obidos, como vulgarmente lhe chamam, e distinguiam-se pelo acabado dos accessorios, suavidade e graça dos toques.

Foi tambem natural desta villa um poeta, que falleceu já neste seculo, bem conhecido pela amenidade de suas composições; fallámos de Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, que afóra alguns pequenos escriptos avulsos deixou quatro volumes de prosas e rimas: ha nos seus versos muita facilidade e graça natural; sobresahi tambem na critica jocoseria, mas não offensiva: e tem algumas composições anacreonticas, dignas de apreço. Seu irmão, Antonio, metrificava igualmente com gosto; e parece que na sua familia é hereditaria a inclinação á poesia.

Foi nesta villa, que os soldados inglezes deram os primeiros tiros a favor da nossa liberdade no tempo da intrusão franceza; encontrando-se aqui as avançadas do exercito britannico com as do exercito francez a 15 d'Agosto de 1808. No dia seguinte teve logar a batalha da Roliça, uma legua ao sul desta villa.

Os habitantes desta terra são amantes da paz e do socego. Nota-se-lhe um pendor natural para a musica, que ainda hoje cultivam com vantagem. São affaveis no trato, e de boa cortezia, como o affiançam os que communicam com elles. Parece terem

sempre conservado alguma cousa do antigo genio, e gravidade portugueza. Apenas ahi se trata d'algum festejo publico, logo lembram umas cavalhadas, imitação das antigas justas, e torneios tanto do gosto de nossos pais. Inda não ha muitos annos, que, nas festas publicas, ou civís ou religiosas, os homens de bem da terra não appareciam senão vestidos á côrte.

Obidos existe hoje em perfeita decadencia, occasionada por um tropel de circumstancias que não pertence aqui referir. Dos que passam por ella a primeira vez, uns olham-na com desprezo e motejam-na com ditos variados; mas os seus muros, que teem resistido ás injurias do tempo, tambem resistem ás das linguas de semelhante gente: outros tratam-na com indifferença; são como o villão que passa por um homem de bem sem lhe tirar o chapen, porque lhe vê a face encarquilhada e a capa velha: outros param e olham com attenção, indemnizando-a das injurias dos primeiros e da indifferença dos segundos. Hoje interessa sómente o espirito dos que procuram titulos de antiguidade. É simplesmente uma lapida curiosa para a Historia.

O INFANTE SANTO.

[1437.]

II.

CHEGARA-SE aos fins de Outubro. O cerco durava ainda. Era uma noite tristonha e carregada: por baixo do ceu nevoento e enovelado alvejava a cidade, como virgem que trajasse brancas vestes perdida no meio da solidão. Os curuchêus de seus mirantes esguios pareciam, assim vistos debaixo da espessa atmospheria, outros tantos braços que se erguiam pedindo misericordia. Na cercadura das muralhas apenas se ouvia o pisar compassado e medido das sentinellas e vigias. A cidade adormecêra, e o fundo silencio das trevas mortas, nenhum rumor o quebrava á superficie. Adormecêra tambem o campo dos christãos, e se não fôra o reflexo avermelhado e sanguento d'algumas fogueiras já meias apagadas, que luziam ainda na sombra como olhos vivazes de atalaia que espregueira, dissereis ser aquelle antes jazida de finados que arraial de vivos. Era que o dia fôra para ambos os partidos contendores acalorado e affanoso. Dera-se um ataque geral; mouros e christãos tinham feito gentilezas como quem d'um lado pelejava por sua honra, fazenda e familia; do outro pela gloria, pela vida e pela fé. Mas ai dos agarenos se aos de Christo tivessem chegado os aprestes. Sobrara-lhes animo e alento, que o que a todos parecêra incrivel quasi o tiveram elles alli acabado; faltava-lhes porem o auxilio dos meios para levarem ao fim tão bem estreada empreza. Cançados, cortados, e o que é mais, desenganados, tiveram emfim de se retirar despeitados por ver fugir-lhes das mãos tão formosa prêa. Fizeram-no sim todos com accordo de bons guerreiros, mas se aos noveis crescêra a esperanza com a felicidade do primeiro ensaio, aos experientes e acostumados carregara-se-lhes o horizonte do que estava para vir, sem comtudo se desalentarem nem perderem os espiritos briosos.

Á luz baça e morredoura de uma lampada escura praticavam, alta noite, alguns cavalleiros que velavam no interior de uma tenda, que parecia das principaes nas do arraial.

Eram elles os capitães de maior nomeada, que por parte d'elrei e dos infantes tinham voz e commando naquella pequena hoste; e a materia que a taes des-

horas lograva embarçar e entreter homens tão cortados de fadigas e trabalhos, como os que diariamente os occupavam, devia de ser sobre modo interessante e pesada para lhes tolher o repouso e affugentar o somno tão preciso a quem assim vivia vida retalhada de cuidados do campo e pelejas de mouros. Surdamente volteavam uns no curto desvão da tenda parando a espaços para dar alguma rasão ou responder ás rasões alheias. Assentados em ligeiros escanços (1) rasos, outros, e eram o menor numero, pareciam meditar em si profundamente as cousas contadas ou ponderadas.

“Pelo Sr. S. Jorge, o santo guerreador, que arrasoadamente fallaes, D. cavalleiro” — dizia um delles, homem moço ainda, de alta e nobre estatura, tez queimada, barba espessa, e bastos e abundantes cabellos negros e crespos, que tendo junto de si, desenhado, o bacinete liso e polido com sua babeira ou camal, com o cotovello encostado a uma grossa viga e a face ao punho desguarnecido, com o lorigão mal cerrado e o gorgilim aberto como quem toma folego e respiração apoz extenso lidar, corria por todos uns olhos vivos e hespanhoes, com tal desassombro, serenidade e segurança, que bem parecia ser elle só estranho á idea geral que preoccupava e torvava aquelles animos, de sorte que não seria arriscado o affirma-la grave e solemníssima. — “Pelo Sr. S. Jorge, o santo guerreador — dizia elle pois — que arrasoadamente fallaes, D. cavalleiro. Já lá vão trinta e oito dias andados em que bate-mos a cidade em brecha, e posto que aos de dentro lhes tenhamos arruinado varios lanços das muralhas, nem por isso melhorámos nem alcançámos outro resultado alem...”

“Do que hoje vimos, *validissime Domine!*” — atalhou parando um dos que passeavam, pessoa auctorizada ao que parecia, e de grande erudição e letras pelos frequentes latins que com suas exclamações misturava; o qual despertaria bem boas gargalhadas se hoje o encontrassemos como naquella hora, guapamente ataviado com seus vestidos, e armas, semi-ecclesiasticos semi-guerreiros.”

“E se o vimos — tornou D. Alvaro Vaz d’Almada, que esse era o primeiro que fizemos fallar — não foi por culpa vossa, senhor bispo D. Alvaro de Abreu. Digo-vos que se não tendes a mão mais ligeira no escrever as vossas cousas de theologia, em que sois tido por tão bom entendedor, do que hoje mostrastes aos de Tangere, ou mais rijos serão os vossos *pulgaminhos* ou muí ruim vossa escriptura. Ao bago episcopal accrescentastes um ferro de lança, e por arte o fizestes, que se vos fôra mister uma purpura de cardeal te-la-hieis alcançado tingindo as vossas vestes no sangue que com esse ferro entornastes. Dava gosto o ver-vos cosendo a lançadas quantos alcançaveis, e á fé que são esses os melhores exorcismos para aquelles perros damnados que tanto teimam em guardar a sua cidade soberba.”

“Perrice é essa de que pouco faltou para ficarem inteiramente curados — acudiu neste ponto o conde d’Arrayollos que presente estava. — Se não foram aquellas muralhas tão agigantadas... Mas parece que fado avesso nos persegue. — Mais alguns palmos de escada e Tangere era nossa. Bem o vistes vós, Senhor D. Duarte de Menezes.”

“Sim: — respondeu D. Duarte com vulto carregado mas sereno: — perdeu-se hoje uma formosa occasião de levar ao cabo feito tão pouco para fazer-

se, que eu, e muitos melhores do que eu, o creramos impossivel. — Perdeu-se... e Deus sabe se tornará...”

“De Ceuta se esperam escadas novas e mais proporcionadas, e dentro de pouco tempo estarão aqui — disse D. Fernando Coutinho, arriscando-se a dar um parecer entre tantas pessoas graves e de credito.

“Estarão — tornou D. Duarte fazendo um gesto de impaciencia e despeito — mas antes que tal vejaes, cavalleiro amigo, vereis esses montes que vos parecem agora ermos e nus vomitarem tamanha multidão de mouros que vos não deixem espaço, nem para estenderdes o braço nem a espada, nem para meneardes o vosso ginete de batalha. Crêde-me, Senhores, como o ataque d’hoje seria decidido se levássemos a victoria, assim foi decidido o revez. Chegassem as escadas aos topos dos muros ou pelo menos ás brechas, e em vez do grito mouro de “Allah!” soaria lá dentro o brado christão de “Jesus!” sem que lhe vallessem á cidade as soberbas e arrogancias do seu Çalá-Ben-Çalá (2), que presumido ahí se veio metter, e que provaria em Tangere fortuna igual á que provou em Ceuta. Mas as escadas faltaram. Nem sei eu se foi descuido ou inexperiencia, o que sei é que bem pouco verá quem não vir esses campos allastrados de aljubas (3) e alquicés (4) mouriscos, mais bastos do que as espigas das nossas searas em dias de Julho. Se até aqui os não tendes visto é porque lá se estão em seus aduares apercebendo e concertando para nos colherem mais de salto e mais em numero. Mas fio-vos que não será a mim que me elles apanhem de subito, que não me engana esse socego apparente, e já lhes conheço bem as traças manhosas.”

“Bem dicto, Sr. D. Duarte — voltou D. Fernando — fallastes como experimentado e valoroso que sois; mas, dizei-me vós, quantos eram os mouros que d’Africa e Hespanha se ajuntaram para reconquistar a sua Ceuta, a sua cidade querida, quando vosso honrado pai a defendeu por modo que deu brado geral na Europa?”

“Não tinham numero, cavalleiro, — respondeu D. Duarte. — Cubriam os plainos e as montanhas por modo que não havia ver palmo de terra que o não escurecêsse um mouro armado e raivoso...”

“E, comtudo, — acudiu D. Fernando — Ceuta ficou em poder dos portuguezes como dantes, e os cavalleiros que ahí se acharam ganharam eternidades de boa fama, fazendo inveja aos que no reino o ouvimos contar.”

“É verdade — tornou o primeiro — é verdade: mas em Ceuta pelejava-se a cuberto das muralhas e contra um inimigo, bem que innumeravel, unico; aqui pelejaremos com os peitos ao perigo, e entallados entre os baluartes de uma cidade robusta, e preñhe de defensores, e a mourisma inteira de Africa que pelas costas nos virá atacar, e que em defeza desta sua segunda filha muito presada, e por ventura despeitosos da primeira perda, se farão leões no accommetter. Cavalleiro, cavalleiro, conservai esse vosso ardor e arrojo, que breve hei-de carecer bem delle.”

E dizendo o valoroso D. Duarte meneava a cabeça com gesto expressivo, que não dava logar a duvidas nem consentia replica.

(2) Çalá-Ben-Çalá era o alcaide de Ceuta que defendêra a cidade quando fôra atacada pelos portuguezes, que apesar da defeza o obrigaram a fugir com pouca honra sua. Era grande estimado dos mouros, e lograva geral consideração.

(3) Vestidos largos ou balandraus compridos e com mangas.

(4) Casas.

(1) Bancos, assentos. Usada desde os primeiros tempos da monarchia. O auctor do Elucidario cita um documento de 1312 usando da palavra *escaño*. Vem do latim *Scannum*.

Houve então um instante de silencio geral, não de susto e receio, que nem batia ás portas de taes corações, mas de fundo e solemne meditar.

D. Alvaro de Almada foi o primeiro a corta-lo.

“Que tal vos destes vós, senhor cavalleiro — perguntou elle dirigindo-se a João Pereira que até então não tinha tomado parte na pratica dos demais; e como se lhe fizera uma pergunta indifferente — que tal vos destes no vosso recontro de Almeria.

“Mal peccado! senhor — respondeu este — que tão pouco me deram tempo de conhece-los; mas n'esse pouco posso affirmar-vos que não teremos de lidar com agomias (5) de alarves (6) indisciplinados nem com assoada de turba fugidiga. No seu mesmo retirar lhe notei eu intenções ardilosas e, pela Santa Virgem da Victoria, que em meu conceito muito terá que fazer e obrar o adail (7) que se metter a guiar uma hoste por essas terras adentro.”

D. Duarte ergueu-se mudamente e foi apertar a mão de João Pereira.

“E entendeste-lo bem — disse elle depois de breve pausa. — Outra vez vo-lo repito, cavalleiros e senhores, o caso aqui é mui diverso do que o fôra em Ceuta. Ceuta é mais visinha de Portugal e n'estas planicies desertas primeiro que um grito de afflicção ou um brado de socorro, embora o dê um exercito inteiro, chegue lá ao reino, correrá tempo bastante a fazer de nossos corpos cadaveres e de nossos cadaveres esqueletos.

“Lugubre estais Sr. D. Duarte — atalhou então o incuidoso D. Alvaro d'Almada — e por modo que me dais visos de missionario agoureiro em pregação de lagrymas. O que hade vir a Deus pertence. Deus que nos dê os dias e o fim que lhe aprouver que de qualquer modo que venha, será sempre bem vindo para mim, com tanto que tenha um bom ferro na mão e mouros na frente, pois os palmos de terra precisos para me arreceberem este corpo, ou seja cadaver ou esqueleto, esses nunca me faltarão ainda em terra inimiga.

E o bom do cavalleiro lançava um olhar desleixado para a comprida espada que no chão se lhe estendia, e brincava com o gante escamoso batendo com elle e fazendo-o tinir de encontro ás laminas dos coxotes.

Ai mal sabia elle n'aquella hora que não era contra mouros nem na terra estrangeira que devia florear a espada e receber a ultima ferida. Mal adivinhava que a mesma inveja dos seus lhe havia um dia rasgar o corpo e lacerar a alma obrigando-o a cahir no chão da patria regado com sangue seu e alheio mas todo sangue de irmãos. Não. Nem elle o sabia nem o adivinhava, aliás aquella alma generosa quebraria por si mesma as prisões terrenas e ter-se-hia ido abrigar, aos pés do seu Deus, da maldade e perversidade dos homens.

A serenidade de animo do valente D. Alvaro, e a sua tranquilla firmeza e boa feição veio a ponto para dar á palestra uma côr menos triste e carregada.

“Eu de mim protesto — dizia o Bispo D. Alvaro — que não heide ficar para vos rezar o *requiem*. Deus *super omnia*, e chegue o que chegar, tanto está prompto o meu missal para vos encommendar ao Senhor como a minha espada para encommendar mouros ao inferno. Servirá um nas horas de repouso e o outro nas occasiões de lida. Nem era justo que quando tantos e tão extremados cavalleiros vão assignalar a sua fé em costas e peitos agarenos ficasse eu ocioso como um peão sem brios. *Cedant arma*: mas depois da batalha.

(5) Faca curva para dentro usada entre os mouros.

(6) Habitantes das serras.

(7) Official conductor ou guia.

“Boa palavra, Sr. Bispo — acudiu D. Alvaro batendo com a mão no punho da espada — e aqui está quem não vos deixará só na occasião. Espero que nos veremos, que certo não sois vós homem para mudar de tenção.

“*Quod dixi, dixi* — tornou o bispo — e ahi tendes D. Fernando Coutinho que se quizer vos dirá se o peso da mitra me tem feito vergar a cabeça no meio dos perigos.

“Bem o vimos todos, bem o vimos” — respondeu D. Alvaro.

“E melhor o presenciei eu, atalhou D. Fernando, que a pesar da minha boa vontade bastantes vezes me deixou atraz quando corriamos aos mouros por o lado da porta do valle, cujo ataque, como sabeis, nos encommendaram a ambos os senhores infantes, que é força confessa-lo, cavalleiros n'este dia se portaram....

“Como dignos filhos de D. João 1.^o — disse o conde d'Arrayollos.

“Mas seu pai era mais prudente: murmurou lá comsigo D. Duarte de Menezes, sem parar no seu breve passeio.

“Que estais vós resmoneando ahi? perguntou D. Alvaro que o percebêra.

“Dizia para mim — tornou o interrogado — que se os filhos de D. João 1.^o assim como herdaram o seu valor, tivessem herdado a sua prudencia e bom conselho, ou nós não estaríamos aqui, o que seria mais provavel, ou Tangere já fôra nossa. Esta falta das escadas está-me dando n'alma e quanto mais penso mais....

“Deixai-vos disso, D. cavalleiro, o que está feito, está feito — acudiu o imperturbavel D. Alvaro, cortando-lhe o discurso. — Lamentações do passado não remedeam males do presente. O que nos cumpre agora é multiplicar-nos para fazer cara a esses perros infieis que, como muito acertadamente dissesstes, não tardarão a chegar, e abrir caminho por entre elles ou enterrarmo-nos nos seus cadaveres. Quanto a voltar-mos costas e abandonar o cerco....

“Ninguem, mercê de Deus! fallou em tal — rompeu o valoroso D. Duarte parando e alteando a nobre frente.

“E ninguem fallará — continuou D. Alvaro, como se tratasse da cousa mais simples e natural do mundo.

“Ninguem! bradaram todos, com olhos brilhantes e radiosos.

“*Amen!* disse o bispo socegradamente.

Era sublime!

“E o primeiro tão vil e desamparado de Deus que ousasse faze-lo tinha de ver-se comigo — exclamou D. Duarte, que havia pouco parecia taciturno e desanimado, mas que n'esta hora tinha a frente de um heroe, havendo-lhe subido o rubor ao rosto com o só pensamento de recuar diante de mouros. — Voltar costas a taes contrarios quando aqui vai empenhada a nossa honra portugueza tão saã e tão respeitada! Não senhores. Vai aqui a nossa gloria, e o que mais é a gloria da Nação, que em nós a depositou e que nos não pertence. Dois infantes, vergonteadas preciosas da arvore real, pelejam á nossa frente. — Aqui estão tambem as formosas esperanças da patria. Venha embora essa Africa em peso — e virá não o duvideis. — Sejamos rochedos no meio do novo oceano d'homens, quebre-mos-lhe, sustentemos-lhe o impeto, até que alguma vaga mais forte nos venha tambem derribar — façamos parapeitos dos proprios cadaveres mauritanos, até que nem taes parapeitos nos valham.... Mas fugir... fugir!

Aqui todos se levantaram como por impulso igual

e simultaneo levando as mãos ás cruces das espadas valentes, D. Duarte que os viu parou momentos, lançando em volta um desses olhares alterosos, que penetram n'alma e enfream o coração.

“Soa mal aqui esta palavra — continuou elle. — Perdoai senhores não é por vós que a digo. Mas haja lá fóra algum que a sinta só roçar por seus labios. . . . Não ha. Todos são portuguezes e todos teem visto o exemplo que lhes dais . . . e que lhes dão os proprios infantes. Sim, cavalleiros, eu que noto a imprudencia delles, notei tambem o seu valor. D. Henrique enfiou uma nova corôa na sua espada de Ceuta (8), e bem o experimentaram os infieis que abundavam no castello poderoso. D. Fernando, bem o podeis dizer vós, senhor conde d'Arrayollos, que com elle pelejastes no centro dos muros, D. Fernando esse . . .

“Vem perguntar á vossa boca o que dizem vossos pensamentos, honrado cavalleiro — interrompeu uma voz firme mas suave, que até este momento não fóra ouvida. Vinha ella de um homem que poderia ter trinta e cinco annos, de rosto ameno e singularmente affectuoso, figura magestosa, e olhar tão cheio de dogura, que á primeira vista poderia parecer languido.

Chegára n'aquelle instante. Vestia armas singelias. Sustinha ainda com uma das mãos a cortina que levantára para entrar, com a outra saudava a todos graciosamente. Diante deste novo interlocutor calaram todos e descobriram-se. — Era o infante D. Fernando. —

Desculpai-me, senhores, se a tão adiantadas horas da noite venho perturbar-vos. Mas, pelo vosso escudeiro, Sr. conde d'Arrayollos, soube que não creis ainda dormidos, e muito folguei, Sr. D. Duarte, de chegar ainda a tempo de ouvir-vos, e ha muito que vos ouvia — desculpai-me ainda senhores. — No vosso entusiasmo nenhum de vós outros me notou; mas, accreditai-me, não foi a curiosidade foi a gratidão que me tolheu a voz. Obrigado, senhores, continuou o infante depois de breve pausa e limpando uma lagryma furtiva — obrigado. A morte ou a gloria que nos espera aqui será de todos . . . tanto minha como vossa. Não venceremos . . . sabe-o Deus — tambem não recuaremos. Ou seja grande a victoria, ou seja grande o martyrio, ha n'isso gloria, e gloria portugueza e christã. Com taes cavalleiros como vós sois não ha impossiveis, nem triumpho difficil. . . .

Nisto estava o generoso infante scintillando-lhe nos olhos raro mixto de entusiasmo e resignação, quando a cortina da tenda se alevantou de novo e deu entrada a outro cavalleiro armado de todas as peças, mas tão cansado que mal podia resfolegar e tão cobertas as armas de orvalho e poeira que bem se via ter vindo de longe exposto á humidade da noite e ás exhalações dos areaes.

“Rui Gomes da Silva — disse o infante ao que de novo entrava — que boa nova nos trazeis que tão agodado viestes.

“Os vossos almogavares (9) e corredores acabam de chegar das abas da serra. „

Rui Gomes parou para resfolegar.

“E que viram elles ahi? perguntou o infante com interesse. O cavalleiro depois de breve hesitação e de olhar quantos eram presentes respondeu.

“Viram os montes todos até ao mais alto dos seus cimos cubertos de mouros appercebidos que descem á planicie em som de guerra! (Continúa.)

(8) Tinha pelejado com seu pai em Ceuta e ahi adquirido grande fama.

(9) Soldados armados á ligeira, que serviam como de exploradores.

DO OBJECTO E UTILIDADE DOS JORNAES POPULARES.

QUE a instrucção é um dos elementos da felicidade compativel com a vida humana, é axioma que ninguém contesta: os recursos e honras que o saber alcança; os erros, que destroe, nocivos ao bem corporeo e á paz d'espírito; o entretenimento, que facilita, desterrando habitos perigosos, ou o ocio gerador de vicios; a consolação, que ás vezes só elle pode offerecer em horas atribuladas da existencia: são outros tantos estímulos que instigam o homem a despojar-se do pesado e grosseiro manto da ignorancia, e a diligenciar aprender não só o que a cada um em particular importa, segundo sua condição, mas tambem o que diz respeito ao estado moral e civil da sociedade, á disposição da maquina do mundo, á variedade de povos e multidão de entes que occupam a terra, em summa a todas as idéas e a todos objectos sensiveis, sobre que mais frequentemente recae a diaria conversação. Á espirital tendencia de nossas almas ajuntam-se as sobreditas rasões de conveniencia propria; e á proporção que os homens dão mais valor ás faculdades intellectuaes cresce o desejo d'instrucção, e a nossa especie se aperfeiçoa e gosa mais commodos pela acquisição de conhecimentos e pela cultura do espirito.

Como porem as jerarchias, as condições sociaes, as profissões e mais circumstancias peculiares dos individuos variam infinito, diversificam muitissimo em copiosidade e em fundo os mananciaes onde um povo farta a sêde d'instrucção; mas escaços e exhaustos os acham muitas vezes classes inteiras, não menos sequiosas, e que tambem della carecem appropriada a seu modo de existir; e principalmente acontece isto, como a experiencia nos tem mostrado, quando os governantes não podem ou não sabem distribuir os meios d'instrucção, conforme as necessidades publicas e as escalas da sociedade a que presidem. — Convem-nos expôr tão somente considerações geraes, porque se exemplos quizerámos adduzir, de casa os teriamos e de todos os tempos. — Fundaram-se academias, gymnasios, e aulas, já para cursos geraes e completos, já para determinadas applicações; reuniram-se innumeraveis livros em copiosas bibliothecas, collocaram-se producções da natureza e da arte em museus e galerias; e aos sabios de profissão, aos alumnos que podiam frequentar as escholadas cidades principaes, e aos habitantes destas, bem mantidos e senhores do seu tempo ou das suas horas de recreio, não faltaram meios de frequentarem os estudos, que mais lhes convinham ou mais lhes apraziam. Se porem lançar-mos os olhos para as terras das provincias [já não dizemos povoações pequenas, porem muitas villas populosas], onde estão esses providentes recursos! Quanto a livrarias — apenas algumas obras escolhidas á vontade dos proprietarios n'algunas casas abastadas; e desta regra raras serão as excepções: pelo que respeita a aulas — as de primeiras letras, e talvez uma cadeira de grammatica latina. Averiguemos porem mais os factos para melhor chegar-mos á nossa balisa. Porventura por todos esses logares do reino, e aqui mesmo dentro da capital, a maioria dos cidadãos achar-se-ha desavagada no decurso da semana para ir escutar lições, ou entreter-se no gabinete de leitura? Porventura a maxima parte da gente popular [ainda exceptuando muitos e muitos jornaleiros] que vive de seu trabalho incessante, e restricta economia, pôde dispensar quantias para livros apesar da diminuição que esses tem soffrido no preço? — E esses livros não são pelo commum outras tantas especialidades, sendo

preciso possuir muitos para aprender alguma cousa? — E os mais baratos não são escriptos em francez, idioma que nem todos entendem? Claro está que as respostas affirmativas a estas nossas interrogações indicarão outras tantas causas do atrasamento da instrucção entre as classes inferiores, e tambem n'algumas mais acima, que de bom grado a acceitariam, se lhes fosse facilitada.

Não haverá pois um meio de remover taes impedimentos, de vulgarisar, quanto seja possivel, os beneficios da typographia? — Ha; e as nações cultas da Europa o reduziram á pratica neste seculo, em que o entendimento e a industria dos homens se tem desenvolvido com pasmosa actividade e avantajados effeitos: Portugal o adoptou, e de que não foi em vão dará, entre outros, testemunho a extracção deste nosso jornal. Conceberam os espiritos generosos, amantes da sua patria e dos progressos de humanidade, que o methodo melhor adaptado á diffusão dos conhecimentos era publicar a prazos certos, por modico preço, um escripto que em seu determinado quadro appresentasse, sem ordem apparente [porque a variedade deleita], as doutrinas mais correntes e proveitosas, as noticias que mais conviessem para sustentar as conversações e entender os papeis publicos e os discursos oratorios; que admittisse ora a historia natural e a physica, ora a historia civil e a geographia, tanto os methodos praticos em objectos uteis á vida, como os preceitos e conselhos moraes, necessarios á conservação e paz da sociedade. Occorreu tambem que muito ajudaria este plano a alliança do desenho com a escriptura; que a combinação das noções, adquiridas pela inspecção dos objectos representados, com o resultado das operações do entendimento daria mais força á instrucção, e auxiliaria poderosamente a memoria. Poz-se por obra o designio, começado em Inglaterra ha poucos annos pelos editores do Penny Magazine, e hoje em voga por toda a Europa. O que era tentativa tornou-se factio permanente: e conseguiu-se que pessoas adversas á leitura, e que se assustavam á vista de um livro, adquirissem o util habito de lêr; que as creanças alcançassem por gosto proprio idéas e noções, que só por largos annos e com o peso e enfado do estudo regular obteriam; nem se objecte que nesses jornaes ha assumptos superiores á intelligencia das creanças; são elles o repositorio dos variados ramos do saber; contem doutrina para todos. Conseguiu-se que o homem laborioso nos dias guardados pelo preceito ecclesiastico, e nas horas anticipadas ao somno tivesse uma distracção innocente e proficua, sem o sacrificio de seus havêres, e de fórma que a instrucção o fosse visitar semanalmente na sua officina: e sem que elle o sinta, e tomando por entretenimento o que na realidade é estudo, gradualmente se colloca muito acima dos que entregues á gula e a outros vicios consomem a existencia physica, depravando a alma. — Ponhâmos exemplos: apparecem os jornaes politicos, que esses tambem hoje são vulgares, e por outras razões alheias das nossas é mui preciso que o sejam; apparecem dizemos, com suas compridas columnas cheias da relação de um incendio, ou catastrophe semelhante, acontecido n'uma capital importante da Europa: quanto não é grato ao artista, que já tem lido no jornal de instrucção popular a descripção da cidade, o poder introduzir na conversação o seu dito, avaliando em certo modo a importancia da perda, e conhecendo d'antemão o gráu de estima e veneração, que mereciam taes e taes edificios singulares, que foram destruidos! — Suscita-se a guerra entre dois povos; relatam os gazetas os successos: mas o leitor assiduo dos jornaes litterarios já conhe-

ce a indole, os habitos, e alguma cousa da historia desses povos, e a sua memoria lhe vai fornecendo reminiscencias, que lhe tornam mais comprehensivel a relação da folha diaria: ouve o orador sagrado na tribuna, o deputado ou senador no parlamento, e comprehende as passagens historicas, sabe de que homens distinctos se adduziram as citações de palavras ou acções, porque tem lido lances memoraveis da historia e biographias de pessoas illustres. — Falla-se de um invento prodigioso, de um successo extraordinario, de um phenomeno natural mas assombroso; e o leitor dos jornaes populares não se embevece em estúpida admiração: não imputa a feiticarias esses casos; porque já tem lido muitos semelhantes, que lhe quadraram com a rasão natural, e porventura eram mais estupendos: e quanta não é a sua gloria citando uns por occasião de outros mais modernos, e ostentando assim o seu animo despreocupado, e a sua litteratura, tão facilmente adquirida!

Seria um extenso artigo o que procurâmos reduzir a poucas phrases, se nos dilatássemos em circumstanciar todas as vantagens resultantes da vulgarisação dos conhecimentos uteis [e por util temos tudo o que é saber] por meio destes jornaes, que o publico recebe com gosto, os verdadeiros sabios com applauso, e só o charlatanismo litterario com displicencia e até com odio, porque lhe arrancaram das mãos a varinha, ornada de europeis, com que fascinava as turbas.

As empresas que dirigem publicações tão interessantes tem grandes despezas, para preencherem seus louvaveis fins; quem mandar á imprensa uma folha de papel de annuncios, ou objectos semelhantes, não pôde desconhecê-las. Mas quando o applauso corôa a diligencia, quem por desleixo abandonará a tentativa reconhecida como prestadia e digna de se proseguir? — Eis a rasão porque se dobra o esmero e se continuam os esforços, não só para não desmerecer no publico conceito, que é isso capricho proprio, mas tambem para progredir, para se perpetuar a vantagem, que nestas instituições litterarias e seus trabalhos geralmente se reconhece. — O governo, que não deve fundar-se em temor, mas em amor; o governo, que por certo conhece a tendencia das gerações actuaes, e as necessidades peculiares da nação, tem contribuido, e honra seja feita aos diversos membros de que nos ultimos annos tem sido composto, para que se diffundam pelo reino os jornaes populares: talvez porem que, com a decisão das camaras legislativas, mais alguma cousa podesse fazer a beneficio destes vehiculos da publica instrucção? . . . — Tão modico é o preço de cada exemplar, que a todas as fortunas se facilita; mas nas provincias e já fóra de Lisboa a pouca distancia, este preço dobra-se e talvez se triplica, e acontece isto onde mais preciso é derramar o habito da leitura, onde outros entretenimentos muitas vezes fallecem, ou, por serem identicos com os trabalhos usuaes nos dias de descanso, se tornam aborrecidos.

A Direcção da Sociedade que publica o presente jornal lembrou-se de levar á Camara dos Deputados da Nação uma representação a este respeito, e da sabedoria dos procuradores do povo aguarda favoravel decisão em materia que ao povo tanto interessa.

Provavel é que obtendo-se para as publicações litterarias, que sahem em periodos regulares e successivos, a isenção dos portes, não só as empresas se fortificarão pela pluralidade dos assignantes, mas a instrucção do povo irá em augmento, e com ella a habilitação para o desempenho dos encargos sociaes, quer civis, quer particulares. Ninguem, a não pôr a

mira em tyrannias, violentas mas sempre momentaneas, desconhecera hoje esta maxima: *instrui o povo se quereis que seja virtuoso.*

ROTEIRO INEDITO DE D. JOÃO DE CASTRO.

II.

O ROTEIRO é interessantissimo. D. João era nautico illustrado, e homem que não se contentava com uma pratica usual. Seu maior esforço parece ter sido na observação das variações da agulha. As marés eram tambem objecto de sua assidua investigação: pelo que respeita a estas em outro lugar daremos um extracto da obra, passando agora a inserir o seguinte capitulo. —

«*Das propriedades que teem duas pedras deste ilheu [do Chaul.]*— Andando por este ilheu e subindo ao monte que está da banda do norte, para marcar e ver como jaziam os outros ilheus e baixos com elle, aconteceu um caso muito para maravilhar, e foi desta maneira. Pondo eu a agulha em cima de um grande penedo para ver como se corria o ilheu, subito deu a rosa uma volta e poz o norte onde dantes tinha o sul. Quando isto vi, cuidando que lhe vinha este desconcerto de estar a rosa fóra do pião, ergui-a para a concertar, e como a tirei da pedra, subito tornou a dar volta e poz o norte em seu lugar. Ora vindo em conhecimento que este caso tamanho nascia da qualidade e natureza da pedra, a puz e tirei muitas vezes, e de todas fazia a mesma operação. Espantado eu muito deste acontecimento, corri a maior parte do monte, pondo a agulha em cima de todos penedos e pedras; mas nunca fez nenhuma variação, e sómente achei um penedo a par do outro da mesma natureza, posto que neste não dava a rosa tamanha volta; mas demorando-me qualquer marca que tomava ao noroeste $\frac{1}{4}$ de loeste, como punha a agulha no penedo logo a mesma marca me demorava ao sudoeste; de modo que subitamente variava 7 quartas; porem o primeiro penedo fazia quasi dobrada operação, porque a marca que fóra delle me demorava ao noroeste $\frac{1}{4}$ de loeste, pondo a agulha em cima me ficava demorando ao sul $\frac{1}{4}$ de sueste que são 18 quartas de variação. Esta mudança tão descommunal não sómente se causava quando a agulha estava sentada na pedra, mas tanto que se appropinquava ao penedo estando suspendida nas mãos em cima delle.

Não vale o argumento que dizer que estes penedos eram da natureza do manhete, porque se o foram cortando delles alguns pedaços, e trazendo-os para de redor da agulha, fizeram mover a rosa e a flor de liz, do que a experiencia é em contrario, porquanto mandando cortar muitos pedaços grandes e pequenos, e chegando-os ao norte da agulha, e dahi passando-os por todas as partes da sua circumferencia nenhum movimento fazia, nem a flor de liz bulia comsigo: e tambem se estes penedos foram da especie do manhete, certo é que chamariam o ferro e aço para si, mas elles não teem esta propriedade, porque fiz eu nisto todas as provas com ferros e agulhas e outras cousas d'aço que se requerem a esta operação. Logo nenhum dos argumentos é bom, nem se deve de receber; mas esta duvida com a do ilheu de Nagão fiquem para determinar Apollo. Nota que estes penedos teem os signaes que se seguem; dois: o 1.^o, onde a agulha faz maior variação, é um pouco agamellado, fazendo no meio uma certa concavidade; e o 2.^o tem umas grandes fendas que o atravessam de parte a parte; e ambos estão muito visinhos, e jazem ambos na chapada do mon-

te que está da banda do norte, a qual está sobre a aberta ou degolada que vai por entre ambos os montes.»

A duvida a que o illustre A. allude sobre o ilheu do Nagão, tinha elle expresso nas palavras seguintes: —

«Uma legua do Chaul está um ilheu que se chama o ilheu de Nagão. Este ilheu estará da terra um tiro de berço, e terá de comprido dois tiros de espingarda. É muito baixo e d'aguas vivas corre-se pelo meio. É cousa para notar o que acontece na passagem deste ilheu, porque vindo á pópa com o vento noroeste que não pudémos soffrer a vela, tanto que somos tanto avante com elle, incontinentemente acalma o vento, e achámos bonança; e o mesmo acontece no mar, que até chegar a este ilheu não se pôde fazer o escoreco (1), e como somos com elle anda chão como rio. Aqui não podemos arguir que nesta passagem vem o vento por cima da terra, porque não é assim; nem que alguma ponta, ilha ou baixos se mettem entre o vento e este ilheu, para que haja de amansar o mar; pois não ha nenhum impedimento destes em meio; logo a duvida fique a Apollo.» (2).

PRADOS ARTIFICIAES.

A PAG. 151 do presente vol. inculcámos as vantagens do onobrychis (*sainfoin commun* dos francezes] para sustento de gados e melhoramento de certos terrenos pouco productivos. Não sabiamos então que um proprietario que tem empregado esta planta com bom successo estava habilitado para vender porções de semente della: agora porem communicamos este aviso (*) aos possuidores de terras, com as seguintes breves direcções para a sementeira do onobrychis, cujo tempo se aproxima. —

O terreno deve ter bastante declive; pôde ser descuberto ou com arvores, e ter pouco fundo, porque a raiz não profunda muito: ha duas estações para semear, em meado de Fevereiro até fim de Março, e antes das primeiras chuvas, isto é no fim de Setembro; é verdade que nesta estação custa mais a preparar os terrenos, porem tira-se melhor resultado. Em Fevereiro ou Março, faz-se a sementeira da maneira seguinte: — depois de chover, que o tempo levante e que a terra esteja bem enchambrada, semea-se cevada para secco, ou trigo serodio; cada geira deve levar dois alqueires de semente de onobrychis e um de cevada ou trigo; depois de estar semeada de trigo ou cevada semea-se á mão-cheia o onobrychis, e com a grade de costas passa-se o terreno uma só vez, porque esta semente deve ficar muito pouco enterrada. A sementeira em Setembro é da maneira seguinte: — prepara-se bem o terreno, lavrando-se e esterruando-se o melhor que poder ser, deita-se a semente, e corre-se depois com a grade de costas uma só vez; — no anno seguinte, quando estiver no principio da florescencia, é quando se deve cortar para o gado; nesse anno pôde dar outro córte pequeno. —

Quasi todos os lavradores e proprietarios teem terrenos fracos e inclinados, por consequencia incultos, e é nesses que devem semear o onobrychis; tem a vantagem de os tornar fortes; e depois de quatro ou cinco annos de prados está o terreno capaz para semear trigos ou outros quaesquer cereaes.

(1) Provavelmente deve ser *soffrer o escarcéu.*

(2) Allude ao A. a que este nume gentilico era tido em conta de advinhão e decifrador d'enigmas.

(*) Vende-se em Lisboa na calçada do Sacramento n.^o 22 — 1.^o andar, a 700 réis o alqueire.